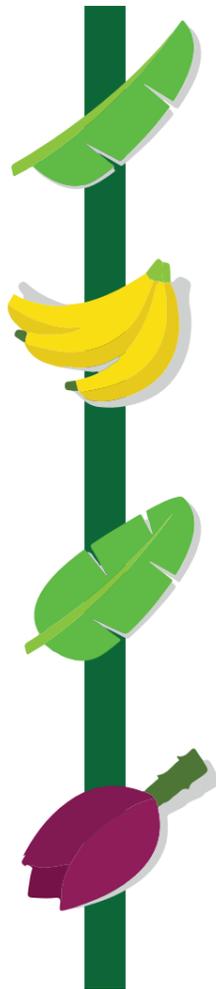


Com o controle dos brotos, é só escolher aquele broto que não vai competir com a planta de café. Com isto ele dá preferência para os brotos que saem no meio do beco do café (nas entrelinhas do café). Fazendo isso há muitos anos, Sebastião conta que tem bananeira que já andou mais de trinta metros dentro do cafezal! “Aí é o que eu digo, bem manejado tá funcionando! Até bananeira já chegamos a plantar só com a foice”.



MANEJANDO E CAMINHANDO COM A BANANEIRA PELO CAFEZAL

Nº 06 - Junho de 2016



MAS ATENÇÃO COM O MANEJO

Sebastião lembra que é preciso muito cuidado com as bananeiras! Se deixar sem cuidar a bananeira vai entouceirar e gerar prejuízos para o café. Sebastião faz em média três manejos da bananeira por ano: um no inverno; outro no início das chuvas para controlar a brotação e outro no final das chuvas. Ele conta que o trabalho não é demorado, e faz muita diferença!

Então é isto! Uma tecnologia social simples e fácil, ao alcance de todos e que pode contribuir e muito para o manejo das bananeiras e o plantio consorciado com o café. Gostou? Que tal experimentar em sua lavoura?



Sebastião de Zim manejando a bananeira

REALIZAÇÃO:

Comboio de Agroecologia do Sudeste e ECOAr (Edital 81/2013)
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araponga

Autores: Fabrício Vassalli Zanelli e Leandro de Souza Lopes

Revisão: Irene Maria Cardoso, Rafael Mauri e Ramon da Silva Teixeira.

Fotografia: Fabrício Vassalli Zanelli - **Ilustrações decorativas:** <http://br.freepik.com/>

Ilustração Figura 1, 2 e 3: Ramon da Silva Teixeira (Coletivo Repentistas do Desenho)

Arte gráfica e diagramação: Rodrigo da Silva Teixeira

APOIO:



Programa de Fortalecimento e Ampliação das Redes de Agroecologia, Extrativismo e Produção Orgânica



Ministério do Desenvolvimento Agrário



História da Família e da Propriedade

Sebastião de Zim, como é conhecido, vive na Comunidade de Santa Cruz em Araponga/MG. Filho de Dona Rita e Sr. João Brás dos Santos (o Sô “Zim”). Sebastião tem 9 irmãos, sendo 6 homens e 3 mulheres. Ele mora com suas duas filhas Gécica (15 anos) e Joyce (13 anos), é nascido e criado na comunidade e no ano de 2000 se mudou da casa de seus pais para sua casa atual, vizinha à propriedade de seu pai e do seu irmão. Sebastião nos contou um pouco do que sabe da história de sua família e da comunidade.

O primeiro a chegar à comunidade foi o Bisavô de Sebastião, o Sr. Sudário, que foi pai de Arlindo, que foi pai de Zim, que é pai do Sebastião. Na comunidade moravam 4 ou 5 mulheres solteiras em uma fazenda antiga, que eram as donas da comunidade. Daí Sr. Sudário namorou com uma delas, mas na hora de casar teve de casar com a filha mais velha, e assim foi. Nenhuma das outras filhas se casou. Sudário teve 4 filhos, depois quando eles faleceram a terra foi dividida para os 4 herdeiros. Dos quatro filhos só um era homem, o Arlindo, que teve 11 filhos. Uma das irmãs de Arlindo só teve uma filha. As outras solteiras criaram uma sobrinha, e esta sobrinha herdou as outras três partes. Esta sobrinha ca-

sou com um homem que herdou tudo e hoje tem mais da metade da comunidade, mas só tem dois herdeiros.

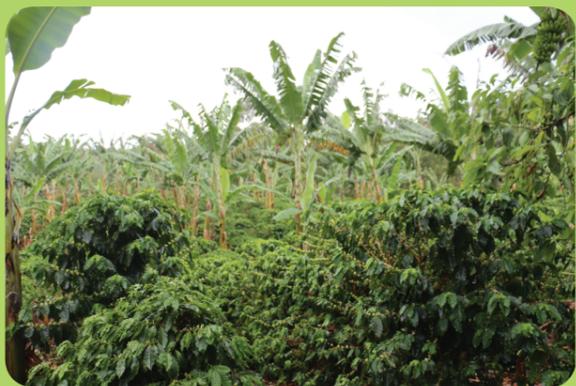
O avô Arlindo ficou só com uma das quatro partes, mas ele era muito trabalhador e teve muitos filhos, acabou adquirindo mais terras dos outros herdeiros. Arlindo dividiu as terras que adquiriu e vendeu o terreno pros filhos.

Sr. Zim comprou 8 alqueires, outros compraram 5, outros 4. No início trabalhavam mais com criação de gado e milho. Café era pouco, ainda plantado morro acima, e produzia um carro de boi, e eles não sabiam beneficiar. À medida que vieram as filhas, os irmãos mais velhos, eles já descobriram um jeito de produzir um café melhor.

Naquele tempo o estudo era pouco e para poucos. Os primeiros estudaram apenas até a quarta série, os outros estudaram até a oitava. Daí assim que um filho terminava os estudos ele começava a ajudar no plantio de café. Segundo Sebastião “*Todo ano tinha que mudar a cerca... foi mudando, mudando, até praticamente acabarem os pastos*” e transformaram tudo em lavoura de café.

A Bananeira consorciada com o Café

O plantio da bananeira começou por volta de 1995. O objetivo inicial era o retorno financeiro e também o fortalecimento do solo. Isso porque era uma terra muito dura. Chegava ao ponto que abaixo de 20 cm, batia a enxada e tremia todo o cabo da enxada, até a mão. Segundo Sebastião a bananeira serve para melhorar a estrutura do solo, ficar mais drenado,



Lavoura de café consorciada com a bananeira

absorver melhor a água, melhorar a produção. Ele acredita que a bananeira consorciada com o café fornece sombra, melhora a qualidade do solo, pois aumenta a matéria orgânica e mantém a umidade do solo, diversifica a renda e melhora a alimentação da família e dos animais. Com a banana ele alimenta os porcos, as vacas e as galinhas e os animais silvestres. Além destas vantagens, Sebastião aponta outras vantagens de plantar banana com o café: a atração de insetos e pássaros que podem controlar doenças e pragas no cafezal. Outra grande vantagem é que melhora a qualidade do café e reduz a quebra de peso, isto porque há melhor formação de grãos e estes ficam mais uniformes. Ou

seja, o café “grana” melhor e há menor “quebra” do peso no momento da limpeza (beneficiamento) do café.

Sebastião identifica no sítio uma touceira de bananeira a qual chama de “mãe de todas”. Ele conta que não havia muitas bananeiras por lá, mas começaram a fazer um “trocadinho” vendendo por cento o pouco de banana que produziam. Foi aí que começaram a pensar em plantar outras “moitas”, mas pensavam que bananeira só dava em grotas, e então aproveitavam os buracos de erosão para plantá-las. Mais tarde, iniciou-se a prática de plantar pelos becos de café.

Apesar da boa produção, Sebastião conta que a comercialização é um grande problema, e diz que dificilmente vai vender mais do que 100 kg por semana. Ele comercializa nos comércios locais em Araponga. Já pensaram em vender para o CEASA, mas tem que ter uma quantidade muito grande e o preço não compensa... “uma caixa de 20kg de Banana sai em média 4-5 reais, aí não paga nem a mão de obra de colheita”. Sebastião prefere vender em menor quantidade e aproveitar a banana para alimentar os animais: passarinho, cachorro, porco, galinha, vaca. Ele diz que não visa somente o financeiro. No início Sebastião chegou a tirar um salário mínimo com a venda de banana, mas afirma que o preço da banana não acompanhou a alta do salário mínimo. Por um tempo, ele vendeu para o programa de aquisição de alimento (PAA Institucional), entregando no Restaurante Universitário da UFV.

Além do café e da banana, Sebastião planta feijão para as despesas, vende leitões e porcos, mandioca e o polvilho. Tem amendoim, abacate (vende por 10 reais o saco, “o cara busca em casa”). E ele nos mostra a importância de diversificar a renda: só em abacateiro ele colheu 40 sacos de abacate, que renderam R\$ 400 reais. Só com esse dinheiro ele aduba 900 pés de café, gastando apenas a mão de obra. Ele precisaria vender três arrobas e meia de café para conseguir este mesmo dinheiro! O abacate também é plantado junto com o café. “A gente vai diversificando, porque tem pessoas que tá na roça e só produz café, tudo o que entra na casa vem de fora, é comprado com o dinheiro do café: o café pode dar um absurdo que no final vai sobrar pouco dinheiro ou nada”.



Sebastião de Zim

Pelas Ruas do Cafezal: Como fazer a Bananeira andar pelos becos de Café?

Sebastião contou que, apesar dos benefícios da bananeira, é preciso muito cuidado, senão ela entouceira e toma conta do cafezal, prejudicando a produção do café. Ele maneja as bananeiras deixando em média três plantas por touceira (a mãe, a filha e a neta). Veja na figura 1.

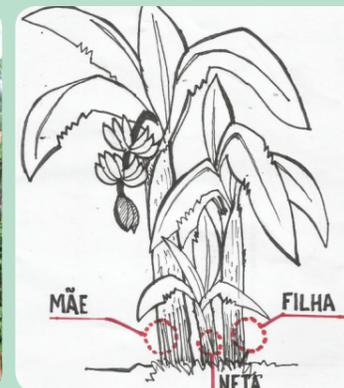


Foto 1 / Figura 1 (mãe, filha e neta)

Mas o problema é que a bananeira solta muitos brotos, e alguns costumam sair bem próximos ao pé de café, gerando competição por nutrientes e uma planta abafa a outra. Além disto, a banana muito próxima do café atrapalha a colheita. O ideal é deixar a bananeira apenas no “meio do beco” do café (entre -linhas). Ele conta que o ideal é planejar a lavoura de café com um alinhamento já deixando os espaços para a bananeira. Mas no seu caso o difícil é que começaram com o café, e a bananeira chegou depois.

Sebastião foi ao longo de muito tempo pensando em como impedir que o broto de bananeira que ainda não soltou o cacho e acabou de ser cortado, volte a rebrotar. E foi depois de tentar muitas formas, que ele desenvolveu sua Tecnologia Social, que é algo de grande eficiência, praticidade e muito simples: ele utiliza a foice para retirar as folhas secas e para desbrotar a bananeira. O desbrote da bananeira é necessário para impedir que a bananeira que acabou de ser cortada volte a brotar. Para isto, não se deve apenas cortar a bananeira superficialmente, é preciso cortar profundamente para remover a gema da bananeira. O comum é usar para desbrotar uma ferramenta chamada lurdinha, mas ele inventou um jeito mais fácil. Como ele faz?

Sebastião, simplesmente amola a foice dos dois lados. Então além de afiar a foice do jeito mais convencional, o que ele faz é amolar a mesma foice também na parte de fora, por cima do “gavião da foice” (acima da curvatura da ferramenta), assim ele consegue eliminar os brotos da bananeira com muito mais facilidade do que com um facão, com a enxada ou com a lurdinha. A vantagem é que com uma única ferramenta, faz-se todo o manejo da bananeira. A foice é então utilizada para várias funções: **I)** remover as folhas secas; **II)** cortar o cacho, a bananeira que deu o cacho e os brotos novos que ele não quer deixar e **III)** eliminar a desbrota, substituindo a “Lurdinha”. Com a parte de fora da foice, Sebastião faz um corte em cruz na bananeira que acabou de cortar, com isto ele atinge facilmente a gema da bananeira e esta não brotará mais. (Ver figura 2 - Lurdinha e Foice)

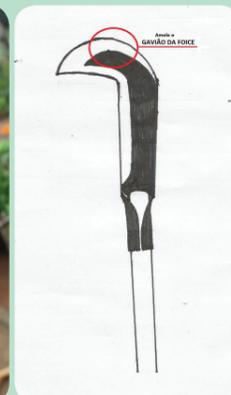
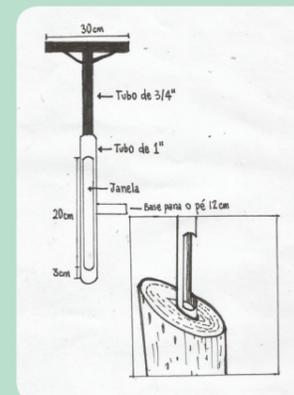


Figura 2 - Lurdinha e Foice